

Amela Hubic

## Conselheira de Juncker diz que UE leva “muito a sério” preocupações das suas regiões



“Os Açores são ‘certamente importantes’ para os interesses estratégicos da União Europeia”

A conselheira económica do Presidente da Comissão Europeia, Amela Hubic, considerou que Bruxelas tem passado a “mensagem clara” que “leva muito a sério” os problemas específicos das regiões ultraperiféricas (RUP), como os Açores, no quadro 2021-2027.

“As negociações do Quadro Financeiro Plurianual 2021-2017 ainda não foram fechadas, mas certamente que as preocupações que as RUP têm vindo a manifestar terão sempre um tratamento especial comparando com os restantes”, declarou a economista luxemburguesa.

A conselheira económica principal no Centro Europeu de Estratégia Política foi a convidada de uma conferência promovida anteontem à noite, na ilha de São Miguel, pela Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada, subordinada ao tema “The Future of Europe: Challenges and Opportunities in a Turbulent World”, traduzível por “O Futuro da Europa: Desafios e Oportunidades num Mundo Turbulento”.

Para a economista, os Açores são “certamente importantes” para os interesses estratégicos da União Europeia face à sua posição no Atlântico Norte. Amela Hubic não se pronunciou sobre a intenção da redução das taxas de cofinanciamento europeu nos projectos comunitários, alegando não ser especialista em questões orçamentais, nem sobre as reduções de verbas previstas para a coesão no novo orçamento da União Europeia, outra matéria que preocupa os Açores.

A XXIII Conferência dos Presidentes das Regiões Ultraperiféricas (CPRUP) da União Europeia, reunida em Las Palmas, em novembro, rejeitou “qualquer redução das taxas de cofinanciamento europeu” e exigiu de Bruxelas a reposição da taxa de 85%.

**“Há que treinar os mais jovens para que possam ser competitivos na economia do século XXI, que é o que está a acontecer na China e nos Estados Unidos, onde está a mudar o código educacional para se adaptarem”, declarou a economista.**

Amela Hubic considerou, noutro capítulo, que o turismo é uma “grande oportunidade” para os Açores, mas há que “olhar ainda para outros setores mais produtivos”, como as novas tecnologias.

Para a oradora, as novas tecnologias “não requerem muito capital para arrancar”, havendo que formar as pessoas para gerar bens na área, criando-se ‘startups’ que podem operar a partir dos Açores.

“Há que treinar os mais jovens para que possam ser competitivos na economia do século XXI, que é o que está a acontecer na China e nos Estados Unidos, onde está a mudar o código educacional para se adaptarem”, declarou a economista.

A oradora convidada da conferência de hoje na ilha de São Miguel é doutorada em Economia e Gestão e é conselheira económica principal no Centro Europeu de Estratégia Política, o grupo de reflexão interno da Comissão Europeia que fornece análises estratégicas, aconselhamento e apoio ao Presidente, Jean-Claude Juncker.

## E se os professores fizerem uma greve como a dos enfermeiros?



Por: José Borges

Os professores têm protestado pelos seus direitos, porque vão ser suprimidos 9 anos de trabalho. Não contam. É como se tivessem estado de férias.

Por isso, existe sempre a solução de os professores fazerem uma greve como a dos enfermeiros.

O mais equivalente, no sector do ensino, à greve cirúrgica dos enfermeiros, ou seja, um momento muito importante na vida do estudante, seria no dia dum exame. Chegariam então os alunos para fazerem a prova e os professores decidiriam quais os alunos que a fariam, alegando que alguns tinham mais necessidade e urgência do que os outros para a efectuarem. Os restantes iriam para casa e ficariam à espera dum chamada telefónica. Poderia demorar um mês ou um ano. Até poderia calhar a um filho dum enfermeiro.

E se os polícias também fizessem o mesmo tipo de greve?

Por exemplo, seriam chamados para um acidente. Quando chegassem ao local, poderiam concluir que não havia mortes nem feridos graves. Sobre os feridos ligeiros, não haveria problemas, com um braço partido e as duas pernas quebradas não morre ninguém, hão-de sobreviver, mais coisa menos coisa, que esperem pelo fim da greve (poderiam concluir os polícias em greve). Até poderia ser alguém da família dum enfermeiro.

E se os bombeiros fizessem o mesmo tipo de greve? Chegariam a uma casa que estivesse a arder (mas pouco) e voltariam para a sua greve porque o fogo não era muito, poderia esperar pelo fim da greve. Até podia ser a casa dum enfermeiro.

Os enfermeiros têm direito a fazer greve. Mas, em minha opinião, esta greve é demasiado prolongada, prejudica a saúde de muitas pessoas que, em muitos casos, esperaram anos por uma operação.

Há muitas pessoas que, se forem operadas mais tarde, ficarão com a saúde em pior estado e algumas terão menos tempo de vida.

Os enfermeiros têm razões de queixa. Muitos outros profissionais estão descontentes, como temos visto. Se os governos derem tudo o que os profissionais normalmente exigem, o país vai à falência.

O governo não pode dar tudo o que exigem, mas, por outro lado, tem que se sentar à mesa com os sectores profissionais para negociar dentro do que for razoável. No caso dos enfermeiros, demorou demasiado tempo para se sentar à mesa das negociações. Estão em causa as vidas de milhares de pessoas.

